

MARTIN, Paulo Henrique; FONTES, Breno (Orgs.). *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. Recife: Ed. Universitária da UFPG, 2004. 159 p.

Jacqueline Oliveira Silva

O livro constitui-se em importante referência bibliográfica para acadêmicos e profissionais que buscam compreender o campo da saúde em sua complexidade, numa perspectiva transdisciplinar.

Resultado de um trabalho conjunto entre o Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco e do Departamento de Saúde Coletiva da Fundação Oswaldo Cruz, o livro traz ao leitor idéias inovadoras, construídas através do diálogo criativo propiciado pelas experiências que superam as fronteiras disciplinares como limite.

Neste caso, a delimitação do conceito de rede social com foco analítico nas relações sociais engendradas na ação nos aponta desafios de caráter paradigmático tanto para o campo da saúde coletiva, quanto para as Ciências Sociais.

O crescimento acelerado das formas de ações coletivas estruturadas em rede, dadas as possibilidades tecnológicas, o estágio atual de configuração de uma sociedade civil internacionalizada e a necessidade de construção de alternativas de ação que articulem o local ao global revestem de particular importância o aprofundamento das discussões sobre as redes sociais. Outro aspecto relevante quanto à temática das *redes sociais* é a crescente adoção desse “formato” para se operar, de forma sistêmica e racionalizadora, as políticas públicas descentralizadas, com a incorporação das organizações da sociedade civil aos mecanismos de gestão e prestação de serviços. As políticas de saúde, assistência social e criança e adolescente são exemplares nesse sentido.

Por outro lado, também os movimentos sociais têm primado pela organização de ações *em rede*, como forma de inscrição de suas agendas no espaço público, em alguns casos desterritorializado, ou como estratégia de construção de um sistema contra-hegemônico, como em algumas proposições de redes de economia solidária e de moeda social (Mance, 2001; Van Arkel *et al*, 2002).

A organização de redes sociais por motivação solidária e cidadã ou por motivação instrumental racionalizadora apresenta-se, como indicam Scherer Warren (1993), Melucci (1994) e Castells (1999), como uma estratégia de ação consolidada na sociedade contemporânea.

Paulo Henrique Martins e Breno Fontes, com essa publicação, nos apresentam uma possibilidade de compreensão inovadora das redes sociais, que resgata as dinâmicas de sociabilidade envolvidas na organização e na ação das redes sociais, principalmente naquelas que se constroem no âmbito local.

Martins e Fontes organizam as discussões em dois movimentos. Um primeiro debate as potencialidades teóricas das *redes sociais* como um “*Novo paradigma em sociologia*”, composto por três capítulos.

No capítulo um, intitulado “*As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico*”, Paulo H. Martins desenvolve, através de uma abordagem sócio-histórica, o resgate da temática das *redes sociais* no pensamento sociológico, desde o clássico Emile Durkheim, que compõe, com Marcell Mauss e Nobert Elias, a tríade de autores que alimentará a proposição do sistema da dádiva como aporte para a análise das redes sociais e a “*integração de uma visão sistêmica, paradoxal e interativa da vida comunitária e local*” (p. 44).

No capítulo dois, Breno Fontes, sob a mesma influência teórica, propõe o debate sobre o *associativismo voluntário na contemporaneidade* e suas relações com os rearranjos institucionais decorrentes das mudanças sociais em curso. O autor nos demonstra em seu texto, a relação entre as estruturas de inserção das *redes sociais* e os processos associativos que dali decorrem. As formas de

solidariedade e sociabilidades fundadas no “dom” tomam centralidade em sua análise, permitindo vislumbrar como os laços sociais desenvolvidos podem consolidar capitais sociais e cultura cívica. Esses processos delimitam um novo padrão associativo.

No capítulo três, Jacques T. Gouddbout, num profícuo resgate de Vincent Lemiese, nos instiga a questionar se toda rede social se insere em *dinâmicas anti-utilitaristas*, como pressupõem as teorizações sobre os sistemas de Dádiva. Ao discutir os conceitos de rede e aparelho a partir do modelo de Lemiese, Gouddbout antevê também o mercado como uma rede social.

No segundo movimento, intitulado “*Redes sociais, saúde coletiva e controle de endemias*”, os capítulos buscam adentrar mais especificamente no campo da saúde coletiva, assinalando as possibilidades de re-interpretação a partir do pensamento complexo, de práticas e conceitos inscritos na tradição do pensamento sanitário e no trabalho social em saúde. O 1º capítulo, de autoria de Lia Giraldo da Silva Augusto, apresenta o debate sobre “*saúde e ambiente*”, na tentativa de uma abordagem interdisciplinar sobre essa indissociável relação. Em seu texto, Lia Giraldo nos chama à compreensão ampla do conceito de saúde, na medida em que ela é “um atributo da condição humana” (p.94), requerendo, para sua abordagem, um enfoque que permita o tratamento dos problemas de uma forma integral.

No segundo capítulo, Paulo Henrique Martins e Breno Fontes elaboram um conceito de “*rede de vigilância em saúde*”, identificando, no conceito de *rede social* amplamente discutido no texto, uma posição estratégica na construção da vigilância sanitária no Sistema Único de Saúde (SUS). Os autores apontam que a rede de vigilância em saúde compreende uma idéia de social que, como nas redes de movimentos, “*constitui um sistema que funciona a partir de regras próprias, as da dádiva, e que a vida comunitária e local não pode ser criada e administrada a partir de instâncias externas, sejam elas governamentais ou não*” (p.109). Para os autores, a rede de vigilância em

saúde deve estar compromissada com o SUS, constituindo um sistema de ação que, diferentemente daqueles que encontramos nos movimentos sociais, detém maior grau de formalização, implicando desafios de ordem operacional. A proposição das redes de vigilância sanitária apresentada pelos autores incorpora desdobramentos metodológicos oriundos da identificação e definição dos tipos de rede que operam no SUS e sua adequação ao sistema, através de uma tipologia própria.

Breno Fontes, no terceiro capítulo, “*Rede de sobre as trajetórias de sociabilidade: a idéia de saúde comunitária*” demonstra como as práticas de saúde podem ser compreendidas através de campos de sociabilidade que se entrelaçam nos espaços institucionais, os sócio-técnicos e comunitários, numa trama complexa que incide diretamente sobre o tecido social. O conceito de “*relés social*” e o desenho do programa de saúde da família são os eixos articuladores da proposição analítica do autor para os círculos sociais e sociabilidades existentes nas práticas de saúde.

O último capítulo, escrito por Solange Laurentino Santos e Lia Giraldo da Silva Augusto, discute as ações de âmbito local para o combate à dengue, destacando as relações existentes entre as percepções da população, as condições sócio-ambientais e o controle sanitário dessa endemia. Nesse capítulo, as autoras destacam a importância da compreensão do senso comum e das ações dos atores sociais para a implantação dos programas de saúde.

O livro *Redes Sociais e Saúde* nos apresenta, de fato, novas possibilidades teóricas de análise das práticas sociais em saúde.

(Recebido para publicação em junho de 2006)

(Aceito em agosto de 2006)

REFERÊNCIAS

ARKEL, Henk Van; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de; RAMADA, Camilo; PRIMAVERA, Heloisa. *Onde está o dinheiro? Pistas para a construção do movimento monetário mosaico*. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia sociedade e cultura*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt; Roineide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

MANCE, Euclides André. A consciência das redes solidárias. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v. 37, n. 159, p. 177-204, 2001.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Trad. Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHERRER-WAREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Ed. Loyola, 1993. p. 141.

Jacqueline Oliveira Silva é Doutora em Educação, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Edita a Revista Ciências Sociais UNISINOS. Escreveu artigos e livros, nas áreas de educação, saúde e assistência. É professora convidada do Pós Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenou a pesquisas sobre tráfico de seres humanos para o Ministério a Justiça e Organizações das Nações Unidas. Sua linha de pesquisa é atores sociais, políticas públicas e cidadania. jacquelines@unisinos.br.